

MÚSICA
23 JANEIRO 2015

Amélia com versos de Amália Amélia Muge

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Voz, guitarra braguesa, percussão Amélia Muge Guitarras acústicas, elétrica e braguesa António Pinto
Violoncelo e voz Catarina Anacleto Clarinetes, saxofones e flauta Daniel Salomé
Percussão Ivo Costa Violino, bandolim e voz Manuel Maio Músicos convidados António Quintino
(contrabaixo), Carisa Marcelino (acordeão)

Direção artística Amélia Muge Direção musical, coprodução José Martins Captação sonora e interação
instrumental José Martins Desenho de luz Manuel Mendonça Imagens e guião Amélia Muge
Fotografia e projeção de imagem Egle Bazaraitė Produção Culturgest/UGURU
Apoios SPAutores, Museu do Fado (EGEAC), FGDA, Delta Cafés



Sex 23 de janeiro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M6

Amélia com versos de Amália

“Fiquei deslumbrado. Aquilo era a Amália toda inteira”... Assim descreve Vitor Pavão dos Santos o seu encontro com os versos de Amália. Assim fiquei eu também quando os li. A ideia de Manuela de Freitas para que musicasse parte destes originais ajudou-me a encontrar a forma certa para uma homenagem a Amália, ao fado e aos fadistas. Tantas canções que não teria composto se não fossem eles! Musicar versos de Amália e cantá-los a meu jeito, foi o ponto de partida.

Quando li estes versos de Amália “(...) Amália queria ter sido / Só o não fui por um triz (...)” eles ecoaram dentro de mim, como se a própria Amália me estivesse a encomendar este trabalho. Trabalho que seria impossível sem o interesse, confiança, apoio e solidariedade de muitos a quem nunca é demais agradecer.

Em termos artísticos tive o privilégio de contar com o desmesurado talento e dedicação de três pessoas de excepção: José Mário Branco, com a direcção musical, arranjos e composição, ajudou a criar a paisagem sonora (variada e única) para as palavras de Amália; Michales Loukovikas, com as suas composições, abriu horizontes até ao oriente com modos musicais como o Huzzâm e o Sabâ; José Martins, com os seus arranjos em temas meus ligados a um bestiário popular e bem humorístico, ajudou a levar as palavras para um lado mais telúrico e experimental.

Algumas canções roçam o fado. Outras foram beber à tradição rural,

às músicas do mundo ou à canção de texto. Outras ainda, são de todo o lado e nenhum, pontuando comicidades e afectos decorrentes do que Amália nos descreve com uma intensidade que só os grandes herdeiros de um património milenar são capazes de transmitir.

Este *Amélia com versos de Amália* ao vivo encontra, na Culturgest, o seu espaço de eleição. Comigo, músicos maravilhosos vão ser a companhia perfeita para uma noite de Versos, Canções e Imagens, num encontro de encontros vários, neste palco do mundo, em Lisboa.

Amélia Muge*

Um lugar de todos

Há percursos artísticos tão insistentemente livres que muito dificilmente se circunscrevem aos limites sempre estreitos de uma hipotética tentativa de classificação *estilística*. No percurso de Amélia Muge reconhecemos boa parte dessa imensa liberdade criativa nas muitas Artistas que é.

Autora, compositora, intérprete, ilustradora, dramaturga, cineasta, Amélia fez (faz) do seu percurso um caminho de permanente abertura ao *outro*, desafiando fronteiras geográficas, culturais e estéticas.

A sua bússola reconhece na fronteira uma dimensão privilegiada de mudança e de partilha. E é a partir dessa paisagem – inicialmente interior – que vai derrubando muros entre o universo erudito e o popular, entre o âmago da matriz tradicional e a roupagem estética mais contemporânea, numa intrans-

sigente reinvenção de si própria e da nossa música.

Perscrutando o mundo e o *outro* em permanência, a sua Arte passeou já pelos grandes palcos do mundo para dialogar, em pé de plena igualdade, com aclamados artistas internacionais. Num percurso absolutamente singular – de uma desconcertante inquietude – Amélia passeia pelo fado e pelos cancioneiros populares, como pela música étnica ou pelas sonoridades

mais contemporâneas, permanentemente desafiando fronteiras, estilos e identidades.

Nesta sua Casa habita o mundo inteiro em permanência. A sua paisagem interior é um *lugar de todos* onde Amélia faz de cada chegada um ponto de partida. Aqui, onde se acostumou a *ser fado sem ser fadista, a ser África sem ser marrabenta, a ser Shakespeare sem ser inglês* – como ela própria explica – os versos vagueiam sonâmbulos num

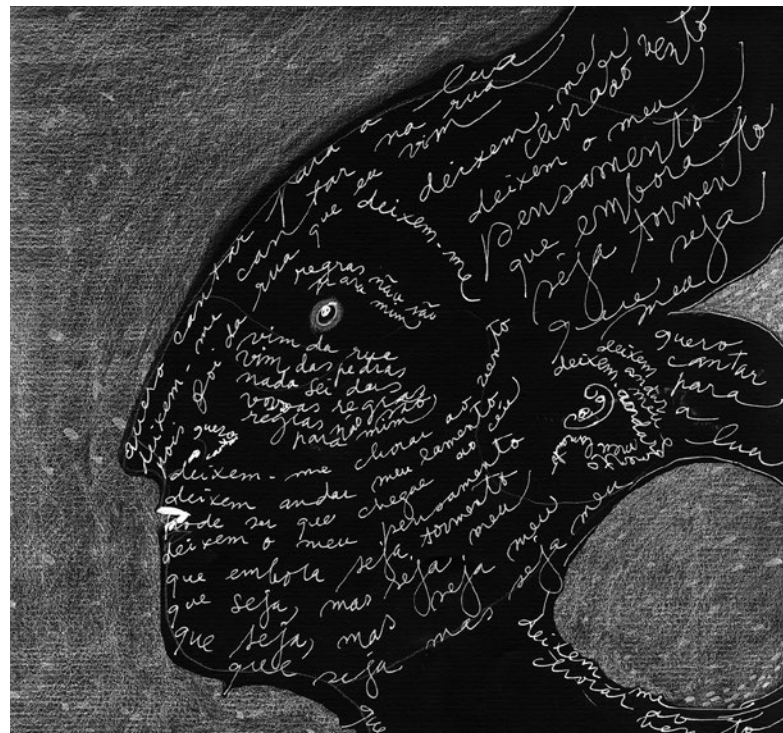


Ilustração: Amélia Muge · Composição gráfica: Cristiana Serejo · Fotografia: Egle Bazaraitė

lento espreguiçar que vai desde aqui da poesia até mais além ao canto. Aqui podemos ainda ouvi-la celebrando Pessoa, Ramos Rosa, Eugénio Lisboa, Hélia Correia, Sophia, Cesariny, Fausto, Zeca ou José Mário Branco.

Por vezes, nesta mesma casa, Amélia decide *ser fado*. E quando o faz é a imagem de Lisboa inteira – da luz mais ardente ou do breu da noite – que nos é devolvida nas vozes de Camané, Ana Moura, Mafalda Arnauth, Pedro Moutinho, Mísia ou Cristina Branco.

Hoje Amélia revisita o Fado com versos emprestados de Amália. São poemas publicados em 1997 que Amália não gravou e que aqui se celebram num tributo ao Fado e à sua Embaixadora. Nos versos de Amália reconhecemos as diferentes *nuances* do seu génio artístico, seja ao sabor do *pathos* mais expressivo e melancólico do fado ou da gargalhada mais pueril.

Em *Amélia com versos de Amália* celebramos este património vivo, onde a fidelidade às raízes foi sempre impulso de futuro e de renovação. Neste tributo *Ameliano* a Amália, reconhecemos também que a Arte – de Amélia, como de Amália – é este extraordinário *lugar de todos*, onde nos reencontramos mais inteiros.

Sara Pereira*
Diretora do Museu do Fado
Outubro de 2014

Amélia e Amália

É difícil falar de Amélia e de Amália. De duas essências tão profundas da musicalidade, da expressão e do senti-

mento portugueses e ainda ser capaz de transmitir qualquer coisa de original. A originalidade está, ela sim, no fundamental desta nova abordagem que nos é proposta pela Amélia Muge. Mais um contributo, de si própria, para uma já longa e notavelmente escrita *historiografia* musical. Um percurso carregado de sons, de elementos simbólicos, étnicos e culturais, sempre construídos sob a forma de música e voz. O resultado é, como não podia deixar de ser, mais do que Amélia com Amália, uma dimensão em que o objeto acaba por ser amplamente maior do que a soma das partes e onde ainda nos deparamos com as incontornáveis presenças de José Mário Branco ou de Michales Loukovikas, as extraordinárias composições e arranjos e com um assumido bom gosto na (aparente) simplicidade das opções estéticas. Um espaço ilimitado e de intensa liberdade.

Há já vários anos que a SPA tem uma política permanente de apoio e de fomento cultural que pretende incentivar e difundir o trabalho dos criadores nacionais. Faz esse trabalho pelos autores e para os autores. E também pela Cultura. Esta foi uma das propostas que, pela sua qualidade e originalidade, mereceu esse apoio.

Pedro Campos
Sociedade Portuguesa de Autores

Olhando em voo de pássaro

Olhando em voo de pássaro o acervo que constituem os mais de vinte discos por ano que o programa de Edição Fonográfica de Intérprete tem promi-

tido à Fundação GDA apoiar, em intermitência desde 2006 e em permanência desde 2011, emergem a tempo dois sentimentos distintos: maravilhamento e frustração.

O primeiro pela constatação do rico manancial de criatividade, de entusiasmo, de diversidade de propostas e formas com que os Criadores portugueses persistem em contrariar “*esta apagada e vil tristeza*” ressurgida no opressivo cinzento de anos recentes.

O segundo pela confrontação com os nossos próprios limites de recursos e meios, que inevitavelmente deixam de fora dezenas de projectos de merecimento, que deveriam poder ser igualmente amparados.

Mas ambos nos deixam mais forte a convicção na luta, labuta, diária e interminável, pela dignificação e justo reconhecimento económico do contributo dos Artistas à comunidade, em contraciclo com a crescente tendência (ou mesmo estratégia) para a desvalorização dos “conteúdos”, matéria-prima das onipotentes indústrias da informação e comunicação.

A GDA acredita também que ao exercício dos direitos de gestão colectiva – em Portugal imperativamente feita por cooperativas ou associações – incumbe a responsabilidade social de reinvestimento na formação, no espectáculo e na criação de novas obras fonográficas ou audiovisuais. Não será uma posição consensual na comunidade internacional, mas é certamente um imperativo no contexto português.

A toda a independência e imparcialidade dos jurados anualmente convida-

dos pela Fundação GDA, não terá certamente escapado, para além da imediata clareza, seriedade e rigor de apresentação do projecto, o brilhoso que luz neste *Amélia com versos de Amália*.

Tratando de devolver às canções uma Poesia que, quem sabe, alia aquele entendimento dos grandes poetas da nossa língua a uma natural empatia com o mais profundo sentir da gente, que fizeram de Amália uma verdadeira Diva do povo, este disco não faz concessões, não facilita, não cai na evidência das fórmulas, das formas do fado, apenas as sugere, as roça como uma carícia, para logo nos levar a outros cantos e recantos da Música, tão sabiamente talhados pelo Zé Mário, pelo Zé Martins, pelo Michales e pela própria Amélia.

E se o ponto de partida são as palavras de Amália, este disco está também cheio de uma outra poesia, daquele olhar de “en-canto” que a Amélia sabe pôr nos gestos da vida e das relações humanas.

Pedro Wallenstein*
GDA Direitos dos Artistas

Um longo percurso...

Que dizer de um longo percurso, feito um pouco “às arrecuas” e cheio de tomadas de decisão que não me ajudaram a criar um caminho muito organizado e explícito? Cedo começou a minha aprendizagem musical em Moçambique, onde nasci. Vinda de uma família de músicos, tendo como antepassados gente ancorada no norte de Portugal, também na minha família encontrei uma âncora marcada por emigrações várias quer para o Brasil quer para África e com origens entre os concheiros de Muge, no Ribatejo, e a Galiza. Toda esta fase inicial foi feita em parceria com a minha irmã Teresa que

ainda continua, assumindo, ao longo do tempo, formas muito variadas.

Com um percurso académico que me levou a ensinar no Departamento de História, na Universidade Eduardo Mondlane, imediatamente passei, após uma pós-Graduação em Comunicação e Ensino e Desenvolvimento e Ensino para o Departamento de Ciências de Educação, pela mão de António Quadros (pintor), ou Grabato Dias, Mutimati Barnabé João (poeta), professor e amigo, a quem devo muito do que sou. Paralelamente o trabalho ligado a projectos de desenvolvimento local e a formação em design, desenho e audio-visuais no ARCO, em Portugal, bem como em Cinema de Animação

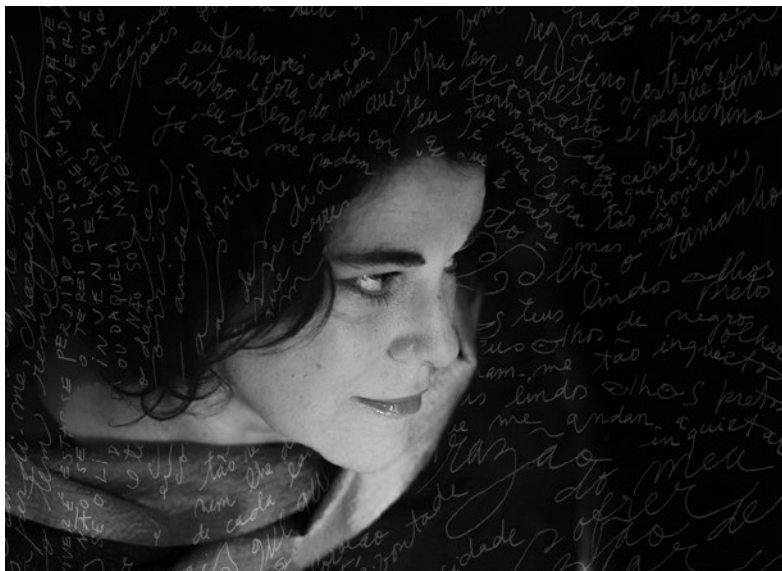
(Fundação Gulbenkian), levaram-me para caminhos onde a formação de adultos, a animação cultural e a comunicação e ensino me foram levando a encontrar, na música e na poesia, um espaço maior de partilha e reflexão sobre o mundo. Foram muitos os poetas que musiquei. Dos populares aos eruditos. Muitas as canções que partilhei no terreno, feitas muitas delas com as pessoas e para contextos determinados. A colaboração com Júlio Pereira, na minha chegada a Portugal (1986) foi um abrir de portas fundamental para a minha ligação à música tradicional portuguesa. Quando apresento *Música* (1992), não tinha ainda a consciência do quanto a minha vida iria dar uma volta quase a 180 graus. A música assumiu um tom maior, muito devido ao encontro e partilha com músicos extraordinários como José Mário Branco. Como companheiro de estrada, desde essa altura, está José Martins, que tem vindo a marcar a minha música com uma sonoridade feita de uma dádiva e uma criatividade sem limites. Com ele e tantos músicos fantásticos como Catarina Anacleto, José Manuel David, Yuri Daniel, Rui Júnior, entre tantos outros, produzi também os álbuns: *Todos os dias* (1994) e *Taco a Taco* (1998) que me levaram a tantos palcos por esse mundo fora de que destaco: Tranches d'Europe Express, Les Tombées de la Nuit, 7 Nuits d'Encens, Les Temps Chauds e Les Voix du Sud (França); Festival Folk (Espanha); Sete Sóis, Sete Luas e Itinerari Folk (Itália). Com José Mário Branco e João Afonso editámos *Maio Maduro Maio* (1995) que nos leva

a percorrer o país e a idas a Espanha, França e Macau. Com este trabalho ganho em parceria o Prémio Zeca Afonso, prémio que me é atribuído de novo com o álbum *Taco a Taco*.

O álbum *A Monte* (2002) leva-me a concertos na Europa, mas também na América Latina (Argentina, Chile e Brasil). Esta parceria musical é uma, entre as muitas que fui tendo, de que destaco Amancio Prada, Camerata Meiga e Ester Formosa (Espanha); Elena Ledda, Lucilla Galeazzi e Ricardo Tesi (Itália); e Pirin Folk Ensemble (Bulgária).

A partir do álbum *Não Sou Daqui* (2007) um outro músico aparece na minha vida com uma importância fundamental: Filipe Raposo. Com ele partilho muitos palcos como o da Culturgest (Lisboa) e realizo concertos na Cité de la Musique (Paris), Fête de l'Europe (Amilly) e em Barnasants Festival (Barcelona), Rencontres de Musiques Classique et Contemporaine de Calenzana (Córsega) participando também, entre outros, nos encontros de Lusofonia em Praga (2009).

A partir desta altura intensifica-se o meu trabalho de escrever e compor para outros colegas (Mísia, Cristina Branco, Ana Moura, Camané, Mafalda Arnauth, Pedro Moutinho, Gaiteiros de Lisboa, Ana Lains, entre outros) e o de trabalhar na produção e direcção artística de trabalhos discográficos. A quando do lançamento do álbum *Uma Autora, 202 Canções* (2010) sou convidada por Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura a criar e dirigir o grupo vocal *Outra Voz*, com mais de 120 amadores



© Egle Bazaraite

de todos os extractos culturais, sociais e etários residentes na região.

Entretanto, outro músico vem trazer uma nova cumplicidade fundamental, desta vez ligada a um trabalho profundamente inter-cultural que mudou de novo e por completo a minha vida: o compositor e jornalista grego Michales Loukovikas. Autor da tradução para inglês dos temas ligados a *Uma Autora, 202 Canções*, com ele traduzo e adapto ainda para português o seu livro-CD *O Ouro do Céu*, baseado na poesia de Ares Alexandrou (2011). Esta colaboração intensifica-se com a saída do CD-livro *Periplus / deambulações lusogregas* (2012), com música e músicos de Portugal e da Grécia, e a escritora Hélia Correia, a cantora Eleni Tsaligopoulou e o Outra Voz como convidados especiais. *Periplus* apresenta-se na Culturgest em Lisboa e no Centro Cultural Vila Flor em Guimarães, com a participação especial do Outra Voz, e abre o Festival das Músicas do Mundo em Sines em Julho desse ano. Está ainda presente, no ano seguinte, no prestigiado festival Demitria (Thessaloniki/ Grécia). O CD *Periplus* foi distinguido como sendo o melhor álbum de música tradicional feito em Portugal em 2012 (Sopa de Pedra), o segundo melhor álbum feito na Europa no âmbito da *folk* (Crónicas da Terra), o melhor álbum do ano (*Expresso*), um dos três melhores álbuns do ano (SPAUTORES), e ainda, a nível internacional, como sendo um dos 10 melhores álbuns do ano (Mundofonias/Espanha) e seleccionado para os 10 melhores álbuns do ano pela fRoots (Inglaterra).

A minha participação em trabalhos ligados à infância – que tem uma forte expressão na direcção artística e adaptação para português da banda sonora de séries estrangeiras de desenhos animados para televisão e também numa peça de teatro para a infância, *O Dono do Nada*, estreada no Teatro Olga Cadaval em Sintra (2003) e reposta no Teatro Maria Matos em Lisboa (2006) – volta a estar presente em 2012, quando colaboro como cantautora, arranjadora, intérprete e directora musical no CD *Routes*, dedicado à Lusofonia e integrado no projecto “Le fil de l’air”, que pôs crianças francesas a interagir com músicos convidados, cantando canções dos seus países. Este CD ganhou o prestigiado prémio da academia Charles Cross na categoria: Jeunes Publiques.

Em 2014 sou uma das autoras que consta da colectânea: *Cantos & Autores*, ed. Levoir em conjunto com o *Jornal Público*. Participo no carismático Festival Bons Sons e sou a convidada do Kronos Quartet no seu concerto no CCB, integrado no Misty Festival. Em Novembro lanço o meu novo álbum: *Amélia com versos de Amália*, com uma apresentação no Museu do Fado. Em Dezembro já figura na lista dos 10 melhores discos do ano de alguns jornais; 1.º lugar (lista nacional, *Jornal Expresso*) e 4.º lugar (lista única, 1.º nacional) do *Jornal Público*.

O concerto de estreia é aqui, na Culturgest. Uma honra.

Amélia Muge*

* Os autores escrevem de acordo com antiga ortografia.

Próximo espetáculo

Hootenanny

Ciclo comissariado
por Ruben de Carvalho

Música De sex 30 de janeiro a qua 4 de fevereiro · 21h30 · M6

Ronnie Baker Brooks

Sex 30 de janeiro · Grande Auditório

Trio Joe Colombo

Seg 2 de fevereiro · Pequeno Auditório

Mingo & The Blues Intruders

Qua 4 de fevereiro · Pequeno Auditório

A universalidade da herança musical afro-americana é um dado reconhecido, mas a verdade é que é sobretudo o legado e influência do jazz que ocorrem na sequência daquela constatação. Do simples aparecimento de intérpretes e formações inteiramente a ele dedicadas à influência exercida sobre outros criadores e expressões musicais, não houve distâncias oceânicas que fossem barreira à estimulante sedução do resultado do encontro entre as tradições musicais africana e europeia verificado em terras americanas.

Apesar do seu papel determinante na formação e percurso do jazz, o mesmo não aconteceu com os *blues*. Talvez porque relevam de forma especial-

Ronnie Baker Brooks



mente profunda da identidade africana, afro-americana, negra, gerando, numa aparente simplicidade, uma linguagem exigente, repleta de expressividade, emoções e sentimentos. E não deixa de ser significativo que a sua inquestionável influência na música popular contemporânea se tenha feito essencialmente através dos mais dançáveis *rhythm & blues*, uma evolução musical fruto da urbanização e da migração negra do Sul original para as cidades maioritariamente brancas do Norte dos EUA. Os *r&b* – e o rock que deles nasceu – são hoje praticamente universais, mas os *blues* como que parecem querer manter-se identificados, de forma própria, constante, exigente, às raízes afro-americanas em que nasceram. Impondo, para a sua criação ou fruição, uma profunda e sentida ligação ao seu universo de músicas e vidas.

É por isso particularmente interessante encontrar *blues* fora do seu berço natal e escutar o diálogo, a forma como os sentem músicos com diferentes origens e influências.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo